



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**EXPERIENCIAR A DOCÊNCIA EM ESPAÇOS DE INTERFACES: AS LINHAS
TÊNUES ENTRE O URBANO E O RURAL NA CIDADE PEQUENA¹**

José Marcos Silva Ribeiro
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
jmsribeiro08@gmail.com

Humberto Cordeiro Araujo Maia
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP / Campus Rio Claro
hcmaia@uesc.br

Resumo: Decorrente das experiências vivenciadas no âmbito do exercício da docência em contextos rurais, este trabalho intenciona discutir as linhas tênues que se apresentam entre o urbano e o rural numa pequena cidade do interior do Estado da Bahia, a partir das manifestações das urbanidades e ruralidades que revelam os modos de ser e habitar dos sujeitos mediante suas práticas cotidianas. Assim, o presente texto assenta-se na revisão bibliográfica sobre Geografia Urbana e atividade de campo no ensino de Geografia, uma vez que, a experiência aqui narrada possibilita outros modos de pensar e praticar o ensino das formas espaciais de campo e cidade, articulando as noções geográficas que emergem nos livros didáticos em uso na escola, com o vivido/experenciado pelos alunos. Consideramos metodologicamente uma pesquisa na abordagem qualitativa, com relatos de experiência / narrativas docentes.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia; cidade pequena; urbano e rural.

¹ Trata-se de uma versão ampliada do texto *Ensino da Geografia Urbana nos Anos Iniciais: urbanidades e ruralidades in fotos*, apresentado e publicado nos Anais do XX Encontro de Geografia da UESC – Geografia para que(m)? Estratégias para pensar o espaço e suas contradições, realizado pela Universidade Estadual de Santa Cruz, no período de 04 a 06 de novembro de 2019.

Percursos e notas introdutórias: o urbano e o rural experienciado no devir do exercício da docência no sertão baiano

Este texto, que é decorrente de experiências vivenciadas no âmbito do exercício da docência em contextos rurais, intenciona discutir como que os deslocamentos geográficos diários – cidade-campo-cidade – para exercer a profissão possibilitaram pensar em práticas pedagógicas que se articulassem com a realidade vivida/experienciada pelos alunos que vivem e estudam no campo e, que pouco sociabilizam na cidade pequena a qual a comunidade que estão inseridos pertence.

Nesse sentido, o recorte empírico que comporta a experiência em questão é o município de Biritinga, localizado no Território de Identidade do Sisal, no sertão baiano. No referido município, as escolas públicas municipais localizadas no campo ofertam predominantemente os Anos Iniciais da Educação Básica, muitas vezes, em classes multisseriadas, enquanto as etapas subsequentes centram-se em escolas situadas na cidade. Então, os professores da rede que são direcionadas as unidades de ensino no campo, em sua maioria, residem na cidade e fazem o movimento migratório diário entre cidade-campo-cidade para exercer a profissão.

Nesta perspectiva, elencamos como questão central da presente proposta investiga a seguinte indagação: De que maneira o experienciar à docência em espaços de interfaces (o urbano e o rural na cidade pequena) constitui processo formativo e propositivo para o ensino de Geografia em espaços rurais?

Para atingir o objetivo proposto e responder à questão central desta proposição, organizamos o presente artigo em duas partes, a saber: **Narrando a experiência: o contexto das práticas e vivências da/na docência em Geografia**, onde apresentamos o *locus* da pesquisa, e narramos as experiências com a atividade de campo no contexto do espaço urbano da cidade pequena com alunos oriundos do campo que muitas vezes não se reconhecem como integrantes da cidade que estão “inseridos”, criando referenciais urbanos a partir das imagens vinculadas no livro didático e/ou mídia que quase nunca visibilizam as cidades de menor porte; e, **Geografias da/na cidade: Ruralidades e urbanidades em foco**, trazendo reflexões em torno do urbano-rural / campo-cidade no contexto da educação geográfica.

Por fim, com a realização deste trabalho possibilitou constatar que os contextos aos quais se inserem alunos e escola precisam ser reconhecidos no âmbito do ensino da Geografia

escolar, pois isso reverbera na construção de uma educação geográfica contextualizada, crítica e reflexiva.

Narrando a experiência: o contexto das práticas e vivências da/na docência em Geografia

O município de Biringira, um dos vinte (20) municípios que compõem o Território de Identidade do Sisal, no semiárido baiano, possui, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) uma população correspondente a 14. 627 habitantes, sendo que desse quantitativo, 12. 279 refere-se à população rural e, apenas 2. 348 a população urbana.

Nesse sentido, o espaço urbano constituiu-se como lócus de uma aula de campo com alunos rurais, onde, observações foram feitas em variados pontos da cidade, para que os mesmos pudessem evidenciar como as ruralidades e as urbanidades se manifestassem de formas expressivas na cidade pequena e assim levar a compreensão/reflexão dessa relação complementar entre campo-cidade e urbano-rural, visto que:

[...] devem ser concebidos não de forma dicotômica, mas complementares. À medida que essas ‘diferenças’ forem sendo trabalhadas, inclusive na escola, torna-se mais acessível à superação dos conflitos, das dicotomias existentes, minimizando as discriminações vinculadas ao espaço rural. (MEIRELES, 2013, p. 88).

Essa questão torna-se emergencial, uma vez que ainda nos dias de hoje a imagem do espaço rural ainda está vinculada majoritariamente aos aspectos agropecuários, invisibilizando as outras práticas sociais que acontecem nesse “[...] espaço singular e ator coletivo” WANDERLEY, 200, p. 92).

Os alunos colaboradores dessa prática pedagógica são crianças em faixa etária de oito (08) a dez (10) anos de idade, vivem e estudam no campo, na comunidade de Coqueiro, localizado a 6km de distância da sede municipal, a unidade de ensino em que estão inseridos não possui um currículo nem materiais didáticos específicos as suas realidades. Então, a atividade de campo nesse sentido constituiu-se como:

[...] um rico encaminhamento metodológico para analisar a área de estudo (urbana ou rural), de modo que o aluno poderá diferenciar, paisagem de espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local, bem delimitada para se investigar a sua constituição histórica e as comparações com outros lugares, próximos ou distantes. Assim a aula de campo jamais será apenas um passeio, porque terá um importante papel

pedagógico no ensino de Geografia. (CASTROGIOVANNI; CALLAI; KAECHER. 1999, p. 99).

Assim, a intenção didático-pedagógica da aula de campo foi de proporcionar aos alunos situações em que pudessem visualizar peculiaridades da vida na cidade pequena, pois “[...] as cidades possuem peculiaridades, história, assim como as infâncias das crianças. (ARAÚJO, 2016, p. 108). Muitas dessas crianças por viverem e estudarem no campo vão a cidade com pouca frequência, somente em situações bem específicas quando acompanhados por seus/suas pais, mães e/ou responsáveis dirigem-se a mesma para realização de alguma atividade que só pode ser encontrada/realizada nesse espaço, assim, acabam desconhecendo as histórias, signos e significados que constituem a cidade “vívida”.

Em sala, no pré-campo, foi discutido com a turma a diferença de município para cidade, uma vez que:

O município, dentro do contexto brasileiro, consiste na menor unidade de hierarquia na organização político-administrativa. No Brasil, a sede de cada município é reconhecida como uma cidade, sendo que ela possui, obrigatoriamente, o mesmo nome do município. Assim, cada município brasileiro tem, necessariamente, uma cidade. (FERNANDES, 2018, p. 15).

Em seguida, foi explicado para turma que mesmo com os avanços advindos do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996) que proporcionou a inserção das urbanidades no campo, definidas por Rua (2002, p. 34) como “[...] todas as manifestações do urbano em áreas rurais sem que se trate esses espaços formalmente como urbanos”, existem alguns serviços e instituições que, são encontrados exclusivamente na cidade, tais como: a prefeitura, a câmara de vereadores, o cartório de registro civil, os bancos, dentre outras instituições. Diante disso, esses pontos foram visitados/explorados durante a ida a campo, e nesse momento foi ressaltado também que, as ruralidades permanecem na cidade pequena, pois “apesar de se manifestarem no concreto, as ruralidades e urbanidades estão, no entanto, profundamente vinculadas às territorialidades dos indivíduos e dos grupos [...]” (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008 p. 237)

Desse modo, durante as abordagens didático-pedagógicas feitas em campo, os alunos foram fotografando as expressões de ruralidades e urbanidades na cidade e/ou solicitando que um adulto registrasse. Essas fotografias são concebidas como “possibilidade de registrar e sentir o cotidiano” (MEIRELES, 2018, p. 16) e com intenção de construir um material didático próprio que conceba realidade dos alunos, o álbum de figurinhas geográficas,

denominado “Geografias de Biritinga” foi o produto final dessa atividade e ficou disponível na escola para abordagens futuras com outras turma.

Geografias da/na cidade: ruralidades e urbanidades em foco

Ao considerar que “[...] nas cidades pequenas a relação campo-cidade e urbano-rural ganha um significado especial [...]” (SPOSITO; SILVA, 2013, p. 44) pois nessas realidades o que une e separa um ao outro segue linhas tênues e, por consequência “[...]acaba por refletir na dimensão do vivido e no modo antropológico/sociológico das condições experimentadas no cotidiano. ” (SPOSITO; SILVA, 2013, p.44) torna-se pertinente pensar em metodologias de ensino que viabilizem compreender estas relações em sua totalidade, uma vez que, o livro didático “[...] principal referência teórico-metodológica utilizada em sala de aula” (MEIRELES; CORRÊA, 2018, p. 85) não dar conta de conceber as múltiplas realidades existentes no país, tendo em vista que:

Geograficamente, as cidades pequenas diferem entre si, pois existem realidades particulares em cada centro, havendo distinções na inserção da rede urbana, no caráter demográfico, na economia, na estruturação urbana, entre outros, embora existam processo que possam ser considerados como mais gerais, como é o caso de citar a precarização do trabalho. (SPOSITO; SILVA, 2013, p.44)2013, p. 37).

Como as cidades pequenas são dotadas de particularidades nos mais variados aspectos, sendo essas preponderantes para os modos com que os sujeitos se relacionam e/ou organizam, haja vista que “[...] o espaço urbano é também o lócus da reprodução das relações sociais que envolvem várias dimensões da vida humana.” (MOREIRA, 2019, p. 10) uma educação geográfica integrada as vivências estudantis, possibilita:

A valorização do cotidiano dos alunos [...] estudar os fenômenos considerando as múltiplas escalas de análises e estabelecer relações entre o local, o regional, o nacional e o global e as peculiaridades de cada um. (ANDRADE, 2017, p. 17).

Dessa maneira, as aprendizagens vão se construindo a partir dos aportes locais e, as concepções vão se alargando à medida que o professor correlaciona o “mundo do aluno” com outras dimensões do espaço, assim, “[...] os alunos experimentam não só a comunicação com seu próprio espaço de vivência, mas o processo criativo na produção do conhecimento sobre a sua realidade. ” (MOREIRA, 2019, p. 10).

Estudar o espaço urbano e as formas como ele se apresenta/organiza na cidade pequena possibilita “[...] extrapolar a compreensão que toma o rural e o urbano como realidades rivais, como espaços contrários que coexistem paralelos e independentes um do outro.” (MEIRELES, 2013, p. 88). Além disso, este estudo, permite que os alunos tomem como referência do que é uma cidade, a sede do seu próprio município, pois:

Não são apenas as metrópoles e as grandes cidades que explicam o quadro da urbanização brasileira. A diversidade urbana, no país, é múltipla e complexa. Cidades médias, cidades pequenas, cidades ribeirinhas, cidades antigas, entre outras realidades urbanas, igualmente, fazem parte do quadro urbano nacional. (MOREIRA JUNIOR, 2016, p. 32)

Essa diversidade que permeia a classificação das cidades no Brasil precisa ser compreendida pelas crianças e jovens escolares, sobretudo no contexto das cidades pequenas já que essas “[...]conservam uma maior multiplicidade de vivências e de contradições entre o urbano e o rural”. (MOREIRA JUNIOR, 2014, p. 52).

No caso da cidade de Biritinga, o espaço urbano é cheio de contrastes entre o urbano e o rural, isso se materializa inclusive em áreas encorpadas ao centro, onde visivelmente podemos evidenciar as urbanidades e as ruralidades se manifestarem concomitantemente e vai revelando os modos de “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2002) dos sujeitos que habitam a cidade pequena através das suas práticas cotidianas que indicam a (r)existência de hábitos caracterizados como do rural.

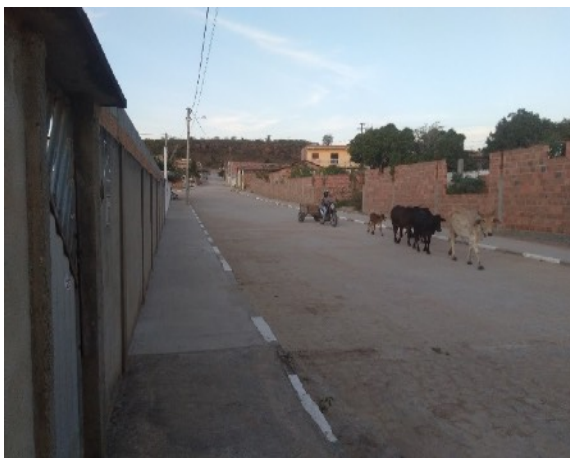


Imagem 1: Entre permanências e transformações
Fonte: RIBEIRO, 2019.



Imagem 2: Plantações “rurais” na cidade
Fonte: RIBEIRO, 2019.

Uma vez que os materiais didáticos não concebem o cotidiano vivificado na cidade pequena, cabe ao professor o papel de criar situações de aprendizagens que contemple tais realidades, pois não contemplá-las significa “esquecer uma parte da realidade urbana” (ENDLICH, 2006, p. 31) assim, mediante as discussões que emergiam na aula de campo sobre os elos que unem os espaços do campo e da cidade, os alunos foram evidenciando as manifestações das ruralidades e urbanidades na cidade de Biritinga, tais ruralidades também fazem parte dos seus cotidianos, pois são crianças que vivenciam as atividades e os modos da vida rural.



Imagem 3: Dos velhos...
Fonte: RIBEIRO, 2019.

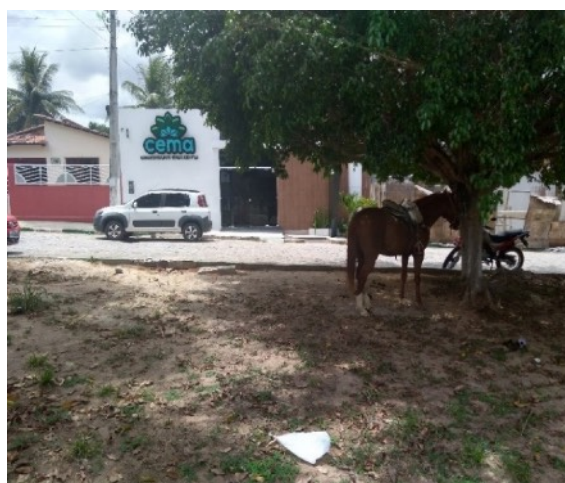


Imagem 4: Aos novos costumes
Fonte: RIBEIRO, 2019.

Essa prática ganha pertinência ao passo que possibilita aos alunos identificarem as particularidades do acontecer da vida na pequena cidade, uma que vez, por frequentarem pouco o espaço urbano da cidade ao qual estão inseridos, muitas vezes não se sentem como integrantes dela. Assim, vão construindo referências espaciais do que é cidade e urbano a partir das imagens vinculadas em obras didáticas e/ou meios de comunicação e informação que não dão enfoque a essas realidades.

Pois que tange as obras didáticas em uso nas turmas, verificou-se que quando se trata da cidade e do urbano as discussões os concebem como formas e conteúdos homogêneos descartando as múltiplas realidades existentes no país. Do mesmo modo que, atrela a imagem do campo somente aos aspectos agrícolas descartando a totalidade do que permeia esse espaço, como os aspectos sociais, culturais e identitários do povo camponês.

Considerações Finais

Os processos migratórios diários entre cidade-campo-cidade para exercer a profissão docente em espaços rurais se constituem importantes momentos formativos para a docência em Geografia em espaços rurais, possibilitando emergir situações propositivas, como é o caso da atividade de campo relatada no presente texto.

A metodologia de ensino constituída pela aula de campo revela que outros modos de pensar e praticar a educação geográfica são possíveis e esses possibilitam desenvolver nas crianças as noções geográficas que devem ser contempladas na referida etapa de escolarização – Anos Iniciais – mediante a articulação do abordado nos livros didáticos com o experienciado cotidianamente pelos alunos.

Além disso, é pertinente que os alunos tomem conhecimento desde cedo que a urbanização não se dá de forma uniforme e que distintas realidades permeiam o cotidiano das cidades no país. Como também, que compreendam o campo, espaço esse ao qual estão inseridos, em sua totalidade, isso evita a construção de paradigmas e a legitimação de discursos do espaço rural como inferior e subalterno ao urbano.

Dessa maneira, a aula de campo é entendida aqui como um artefato didático-pedagógico que potencializa o exercício da docência em contextos rurais, no que tange o ensino de cidade/urbano, pois “o estudo geográfico de cidade, mais do que propiciar a descrição da mesma, visa sua compreensão e transformação, na medida em que vê no indivíduo (morador, aluno) o agente de produção e transformação. (SCHÄFFER, 2003, p. 113) portanto, o local precisa ser incorporado nas aulas de Geografia pois somente a partir do entendimento dele outras escalas leituras e análises serão possíveis.

Referências

- ANDRADE, Janainni Gomes de. **O espaço rural nas aulas de Geografia do Ensino Fundamental em Senador Canedo/GO**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- ARAÚJO, Ana Lúcia Castilhano de. **Infância e cidade: reflexões sobre espaço e lugar da criança**. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação, Vitória da Conquista n. 16 p. 107-127, 2016.

CANDIOTTO; Luciano Zanetti Pessôa, CORRÊA; Walquíria Kruger. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. **CAMPO-TERRITÓRIO**: revista de geografia agrária, v.3, n. 5, p. 214-242, fev. 2008.

CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRS: Associação de Geógrafos Brasileiros, seção Porto Alegre, 1999.

CORRÊA, Gabriel Siqueira; MEIRELES, Mariana Martins de. Eurocentrismo e colonialidade nos livros didáticos de Geografia: narrativas, hierarquias e disputas epistêmicas. In: TONINI, Ivaine M. et al. (orgs.). **Geografia e livro didático**: para tecer leituras de mundo. São Leopoldo: Editora Eikos, 2018. p. 83-103

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: [s.n.], 2006. 505 p. il.;

FERNANDES; Pedro Henrique Carnevalli. O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. **Revista Eletrônica Georaguaiá**. Barra do Garças-MT. V 8, n.1, p. 13 - 31. Janeiro/Junho 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** – parte I. (trad. Marcia Sá C. Schuback) 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 325p.

MEIRELES, Mariana Martins de. **Habitar o Sertão: ruralidades contemporâneas e fenômenos educativos em Canudos Velho**. 2018. 200p. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.

MEIRELES, Mariana Martins de. **Macabéas às avessas**: trajetórias de professores de Geografia da cidade na roça – narrativas sobre docência e escolas rurais. 2013. 245f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc/UNEB/GRAFHO, Salvador, 2013.

MOREIRA, Gilselia Lemos. Ensino de Geografia e realidade socioespacial nas cidades capitalistas: condições desiguais, acesso à moradia e precariedade do habitar. In: **Anais do XIII ENANPEGE**. São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1562590049_ARQUIVO_REV1Enanpege2019.pdf. Acesso em: 23 jan de 2020.

RUA, J. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, G. J. ; RIBEIRO, M. F. (Org.). **Estudos de Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook , 2002. p. 27-42.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. As cidades pequenas como componente curricular para a geografia escolar. **Revista Formação (ONLINE)** Vol. 2; n. 23, abr/2016. 2037.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. **As cidades pequenas na Região Metropolitana de Campinas-SP**: dinâmica demográfica, papéis urbanos e (re)produção do espaço. 311 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2014.

SCHÄFFER; Neiva Otero. A cidade nas aulas de Geografia. In: Castrogiovanni, Antonio Carlos et al. (Org.). **Geografia em sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1998

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado da. **Cidades Pequenas**: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiá: Paco Editorial, 2013, 146 p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos – Sociedade e Agricultura**, n. 15, p. 87-146, out. 2000.